

Candidato solo

WILSON FIGUEIREDO *

Quando estão acontecendo, fatos dispensam intérprete. O *língua*, como se dizia no tempo do descobrimento, era para conversar com índio. O fato é que tudo continua predispondo o eleitor em favor de Fernando Henrique. E no ano que vem? O que parecia oposição bateu em retirada sem combinar um ponto de encontro. Não custa, porém, considerar a hipótese de eventual incursão do acaso no processo presidencial.

Não há por enquanto sinal de um intruso em condições de quebrar a exclusividade que o presidente ostenta na cena política. Se é cedo para tratar de aspectos naturais, muito mais dos sobrenaturais. São a única réplica idônea às pesquisas, cujo compromisso com os eleitores não dura mais de uma semana.

Fernando Henrique usufrui a vantagem do mandato, que virou a favor dele graças à reeleição. Sem ela, ia sair na condição de inadimplente com as reformas. Beneficiou-se não por receber o mandato de quatro anos, mas por ficar menos tempo exposto ao desgaste do cargo. Em compensação, expõe-se como candidato solo: não tiram o olho dele. Por enquanto, a única ressalva à preferência implícita e explícita por FH é o coeficiente de surpresa, com reserva de mercado em eleição presidencial brasileira. Não se passa uma sem o seu comparecimento. Infelizmente, não se mede surpresa eleitoral por instrumento.

Por surpresa eleitoral não se deve entender resultado da eleição, mas favorecimento inesperado a um candidato que não figurava no raciocínio político. Foi esse papel, aliás, que Fernando Henrique desempenhou com êxito na sucessão passada. Seria o cúmulo que, depois de tudo, se repetisse contra ele a demonstra-

ção. E se esse personagem extra não aparecer, como ficará a sucessão? Ficarão como se desenha, com Fernando Henrique de penacho, os governadores galopando atrás e o séquito de prefeitos rumo ao festival da reeleição.

O último a acreditar em fantasmas devia ser o primeiro a desconfiar, mas o candidato bem servido pelas intenções de voto prefere dar o exemplo de destemor eleitoral. Nada de superstição. Negar validade às pesquisas que mudam de opinião em favor de outro é mal de candidatos que começam à frente. Quando mais distante a eleição, pior para quem se apresenta mais cedo e fica incumbido de entreter o público.

Ninguém se lança candidato com antecedência sem considerar as desvantagens que são gêmeas univitelinas das vantagens. Lula, por exemplo, sempre se saiu bem nas múltiplas simulações a que as pesquisas o submeteram previamente, com variação infinita de competidores, nomes avulsos para testar hipóteses improváveis. Resistiu a todas. A situação se alterava, porém, quando o fantasma da rejeição — que também é matéria da preferência oculta de eleitores — tirava a vantagem que parecia o tapete vermelho da urna ao palácio.

Não se percebe por enquanto o contorno de vulto eleitoral no vácuo aberto pela retirada da oposição. Rabiscos no ar são ilusões de ótica. O social — esse lado esquecido pelo neoliberalismo — está pedindo a mesma atenção despertada pela roubalheira grossa revelada. Um e outra são filões políticos preciosos para candidatos que se disponham a explorá-los em campanha. Podem até ser reunidos na mesma candidatura, dado que a opinião pública é sensível ao social e a escândalos. O baixo atendimento da população e o alto rendimento da ladroa-

gem potencializam a indignação cívica e multiplicam por mil os votos.

O presidente é pessoalmente sensível à qualificação de neoliberal que a oposição lhe reserva. A verdade é que nem ao seu aliado principal, o PFL, agrada a aparência estrangeira do neoliberalismo que perturbou países que saíram da economia socialista para adotar como verdades de mercado arcaísmos reciclados.

O ponto vulnerável da candidatura, FH ao seu próprio lugar expõe o flanco social que passou a ter importância eleitoral exagerada (para alguns) na segunda metade do século. Os cidadãos mudaram a maneira de votar, mas querem o que tinham e o que lhes é prometido pelas reformas. É desse lado negligenciado pelas cabeças neoliberais, empenhadas anonimamente em repensar o Brasil, que pode irromper, de repente, uma figura convincente no papel de defensor das conquistas trabalhistas. Fernando Henrique apareceu assim graças à estabilidade representada pelo Plano Real. A classe média reconheceria a distância, a olho nu, esse protetor ou outro que se propõe a moralizar o mercado e o Estado, a sociedade e a burocracia.

Não chegaria a ser surpresa. A fronteira social está desguarnecida porque a visão neoliberal desconhece solenemente os valores que fazem parte da vida diária do eleitor. Em matéria de neoliberalismo, o Brasil tem rompante de novo rico. É tudo ou nada. A idéia fixa com o custo-Brasil implica dedução da despesa trabalhista para aliviar a economia. Foi por aí que FH acabou irreconhecível como socialdemocrata e passou a ser tratado, para seu constrangimento político e desagrado pessoal, como neoliberal. Mais precisamente, socialdemocrata para se eleger e neoliberal para governar.